

HISTORIA DO CAMINHO DE SANTIAGO

José Maria Mesquita Jr.

A história do cristianismo registra três principais caminhos de peregrinação, procurados pelos seres mais distintos entre si, com as mais variadas motivações possíveis; todos, no entanto, movidos pela fé. Alguns caminheiros vão em busca de graças, conhecimentos,

Multiplicidade de rotas

O Caminho tem muitas rotas. De qualquer ponto de que se parta em direção a Compostela, traça-se um Caminho de Santiago. A maior parte dos pontos de partida converge para Puente la Reina. Desse ponto em diante, a estrada para Santiago é uma só; mas, na verdade, cada peregrino sempre fará seu próprio e único Caminho de Santiago.

Os caminhantes são chamados de peregrinos, uma vez que a viagem constitui uma romaria a um lugar sagrado. A longa peregrinação desencadeia um processo de reflexão que pode levar a profundas modificações no modo do indivíduo encarar a vida.

Reavaliam-se prioridades, relacionamentos interpessoais, crenças, ambições. No entanto, a modificação fundamental se processa na maneira como o peregrino vê a si mesmo e analisa sua própria postura existencial.

Santiago, ou São Tiago, um dos doze apóstolos de Cristo e irmão do também apóstolo e evangelista João, tem uma das mais bonitas e frutuosas histórias de vida.

Santiago é a razão de ser do "Caminho em Santiago", um dos três caminhos cristãos, percorrido por centenas de milhares de pessoas de diversas partes do mundo todo ano, em peregrinação ao seu túmulo que fica na Catedral de Santiago de Compostela, na cidade do mesmo nome, na Galícia, Espanha. Essas pessoas percorrem o Caminho em nome da fé, em busca da paz interior e ao encontro de Deus.

Divulgar a vida do Santo, sua importância para a religião católica e para a religiosidade de milhões de pessoas e disseminar os princípios da fraternidade e solidariedade entre os que fazem a peregrinação e os que tomam conhecimento dela, é de suma importância e quase uma obrigação para aqueles que entendem a peregrinação como uma aproximação da espiritualidade e da religiosidade. Para o Brasil, um país com população predominantemente católica, conhecer e

vivenciar a história permitirá uma viagem fascinante pela vida do Apostolo feito Santo e a sua presença e influência na vida brasileira certamente será uma surpresa agradável, pois apesar de muito forte é pouco conhecida.

As melhores menções sobre Santiago encontram-se no livro *Liber Sancti Jacobi "Codex Calistinus"*, que narra a vida e a obra de Santiago, composta de 05 livros e escrito no século XII, pelo clérigo francês Aymeric Picaud por solicitação do Papa Calisto II. No Livro 3, consta uma citação bastante interessante sobre suas qualidades^[1]: *Despues de la Pasion de Nuestro Salvador y del gloriosísimo triunfo de su misma Resurrección, y luego de su admirable Ascención, cuando subió hasta el trono de su Padre y del Espíritu Paráclito también; tras la efusion de las lenguas de fuego sobre los apósteles, los discípulos que El mismo había elegido, iluminados con los rayos de la sabiduria e inspirados por la gracia celestial, dieron a conocer con su predicacion El nombre de Cristo por todas partes, a los pueblos y naciones. Y ente el insigne número de aquéllos, el santo de admirable virtud, el bienaventurado por su vida, el maravilloso por su virtud, el esclarecido su ingenio, el brillante por su oratoria, fue Santiago, cuyo hermano Juan es conocido como evangelista y apóstol.*

O Santo

O Santo que dá nome e consequência ao Caminho de Santiago, nasceu Ia'aqob^[2], cerca de 12 anos antes de Cristo. Filho do pescador Zebedeo e irmão mais velho de João, Tiago vivia com a família em Betsaida, próximo ao lago de Generasé, onde Jesus os encontrou em uma de suas pregações na região.

[1] Livro "Codex Calixtinus", El Libro Tercero de Santiago, Capitulo I — La Gran Translacion de Santiago

[2] Tiago, segundo o Dicionário de Nomes de Pessoas (RJ: Civilização Brasileira, 1993), de Sebastião L. de Azevedo, deriva de um corte da locução Sant' Iago. Iago, por sua vez, é variação de Jacó, do latim Iacob, derivado do hebraico Ia'aqob. Em francês e inglês, usa-se Jacob. Existe, também, a variação Iacomus, de onde vem o James inglês. Afrancesado, virou Jacques.

No ano 31, Jesus Cristo, andando ao longo do Mar da Galiléia chamou os dois irmãos (*Mateus 4:21*), admitiu-os no grupo dos doze apóstolos e deu-lhes o nome de Boanerges que significa *Filhos do Trovão* (*Marcos 3:17*), por causa energia inesgotável de ambos, bem expressada no episódio em que Cristo chegou com os seus seguidores na terra dos samaritanos e estes lhe interditaram a entrada; Tiago e João, vendo neste fato uma afronta perguntaram ao Senhor se queria que mandassem cair fogo do céu para consumir a cidade (*Lucas 9:54*), ao que Jesus respondeu "Vós não sabeis de que espírito sois! O filho do homem não veio para perder, mas para salvar as almas" (*Lucas 9:55-9:56*).

Tiago foi chamado de "Maior" (*Santiago el Mayor*), para ser diferenciado de outro apóstolo homônimo, conhecido como Tiago o Menor, por ser mais novo. Gozava de especial confiança e relação com Jesus como um discípulo básico destacando-se com Pedro e João do resto do grupo e testemunhando os momentos importantes da vida de Jesus, como o da ressurreição da filha de Jairo (*Lucas 8:51-8:56*) e o da transfiguração (*Marcos 9:2*).

Conta a tradição, que pouco tempo depois da morte de Cristo no ano 33, o Apóstolo foi enviado à região onde se localizavam os reinos que formam a atual Espanha, para pregar a doutrina cristã, sendo provavelmente o único apóstolo que foi pregar no ocidente. Tiago realizou um trabalho intenso na região, mas a palavra de Cristo não era aceita com facilidade, por causa das histórias e tradições arraigadas da população da região. Ele voltou a Jerusalém no ano 43, período em que a perseguição aos cristãos na Palestina se encontrava no auge e como era um dos pregadores mais influentes do cristianismo, foi aprisionado e morto por ordem de Herodes Agripa^[3], rei dos judeus, tornando-se, desta forma, o primeiro apóstolo a verter sangue por Cristo. Enquanto era levado em direção a

^[3] Herodes Agripa viveu de 10 a.C. a 44 e reinou de 41 a 44 d.C

execução, Santiago realiza dois milagres: a conversão e batismo de seu guarda, um fariseu chamado Josías, e a cura de um paralisado. Para evitar o culto dos seus seguidores, seu corpo foi retalhado e as partes espalhadas por diversos sítios, para que não houvesse uma referência física do Santo e a lembrança se esvanecesse mais rapidamente entre os fiéis.

Com a sua morte começava uma das sagas mais interessantes do catolicismo, em face das agruras que o mesmo enfrentou sem jamais negar sua fé e se abstrair dos seus ideais e, principalmente, por causa do imenso movimento cristão que ensejou após a sua morte: a peregrinação a Santiago de Compostela, que reúne, a cada ano milhares de pessoas, de todos os tipos e religiões, em um movimento cristão admirável, com profundo apelo religioso, intensa ressonância cultural e que apresenta ainda reflexos profundos e positivos na economia da região.

O escritor Miguel de Cervantes y Saavedra^[4] registrou, no seu livro *Don Quixote de la Mancha*^[5], que Santiago Mata-Mouros "é um dos mais valorosos santos e cavaleiros que o Mundo alguma vez teve; foi dado a Espanha por Deus, como seu patrono e para sua protecção".

O Caminho de peregrinação

O Caminho de Santiago começou a ser criado com a morte do Santo e começou a ser trilhado pelos primeiros peregrinos cerca de 800 anos depois da sua morte.

A história do Caminho é fascinante e na verdade teve início quando Teodoro e Atanásio, seus discípulos, recuperaram o corpo de Tiago na Palestina e, seguindo a tradição da época de enterrar o apóstolo no local de pregação, trasladaram o corpo para o local onde ele havia

^[4] Um dos mais importantes romancista, dramaturgo e poeta da Espanha; nascido em Alcalá de Henares, em 29 de Setembro de 1547 e falecido em Madrid, em 23 de Abril de 1616.

^[5] Lido inicialmente como uma sátira às novelas da cavalaria andante, o livro tornou-se, com o passar dos séculos, uma das obras mais significativas da literatura universal. Considerada, em 2002, a melhor obra de ficção de todos os tempos, por uma comissão de críticos literários de várias partes do mundo.

pregado, numa viagem de sete dias em uma barca, sem leme nem velas, guiados por um anjo, até a desembocadura do Rio Ulla, em Padron, na Galícia, onde o depositaram para o descanso eterno. Tudo terminaria aí se não fosse a indicação divina, que certamente tinha outros planos para o apóstolo Tiago.

Campo de estrelas – Santiago de Compostela

Assim, em 813, o eremita Pelayo — que vivia na região de Solovo, no bosque de Libredon, onde 770 anos antes Teodoro e Atanásio haviam depositado o corpo do mestre — começou a ver sinais luminosos no céu, assemelhados a uma chuva de estrelas que caía sempre no mesmo lugar. Impressionado, relatou o ocorrido ao bispo diocesano Teodomiro, de Iria Flavia, antiga Padron. Este, diante da insistência do eremita, foi a Libredon, onde, segundo reza a tradição, presenciou o fenômeno relatado por Pelayo. Procurando no ponto onde as luzes incidiam, encontraram o sepulcro de pedra onde repousava o corpo de Santiago.

A descoberta chamou a atenção de religiosos e autoridades da região e no ano de 814, o rei das Astúrias, Afonso II o Casto^[6], mandou erguer uma capela em homenagem ao Apóstolo naquele local, que passou a ser conhecido como Compostela, palavra formada pela expressão latina *campus estellar* (campo de estrelas). A notícia chegou ao Papa Leão III (795-816), que deu conhecimento ao mundo cristão no escrito *Noscat fraternitas vestra*: "o corpo do bem aventurado Apóstolo Santiago foi trasladado inteiro ao território da Galícia".

Existem outras explicações para a denominação e para o surgimento do mito, mas nenhuma delas tão interessante e bonita.

^[6] O Rei Afonso II viveu de 759 a 842 e reinou nas Astúrias de 791 a 842.

A união pela fé

Naquela ocasião, os cristãos da Península Ibérica travavam uma longa luta contra os invasores mouros, que se estendeu de 711 a 1492. Desunidos e divididos em reinos rivais, encontravam dificuldades para enfrentar o inimigo e se tornavam presa fácil para os conquistadores, que iam vencendo, até com certa facilidade, os desarticulados reinos da região aumentando paulatinamente seu domínio na região.

A descoberta do corpo do apóstolo na área do conflito foi altamente benéfica para o povo cristão da região, pois além de gerar uma grande curiosidade popular e aumentar o fluxo de fiéis à Península, iniciando um ciclo de peregrinação com o conseqüente fortalecimento do cristianismo na região, dotou as hostes cristãs de uma figura emblemática, motivo suficiente para unificá-las, tornando-as mais consistentes, mais fortes e, portanto menos vulneráveis diante dos árabes.

Fortalecimento do Cristianismo

A manifestação primeira e maior da importância da descoberta e anunciação do corpo do Apóstolo, já chamado de Santo pela população, ocorreu durante o desenrolar da famosa batalha de Clavijo, ocorrida nas cercanias de Logroño, em 844.

Nesta batalha Ramiro I, rei da católica Astúrias, com um exército menor e menos preparado enfrentava as numerosas e treinadas tropas de Abderraman II^[7], quarto emir de Córdoba^[8], na região conhecida então como Espanha Muçulmana. Os cristãos estavam em clara desvantagem quando, segundo conta a tradição, o Apóstolo apareceu montado em um cavalo branco e conduziu o exército cristão

^[7] Abderraman II nasceu em 792 e faleceu em 852.

^[8] Abderraman II foi emir de Córdoba no período de 756 a 788.

a uma vitória esmagadora sobre os mouros. A partir desse feito, passou também a ser conhecido como Santiago Matamoros. O mito se fortalecia e adquiria fama crescente. O movimento de peregrinação e de culto aos restos do Apóstolo estendeu-se por todo o Ocidente.

Com o aumento da peregrinação ao túmulo do santo, o rei das Astúrias Afonso III^[9] promoveu, no ano de 899, a ampliação e melhoria da capela erguida originariamente para abrigar os restos do Apóstolo, visando atender a procura crescente dos peregrinos.

Uma prova da força que já adquiria o Santo e de que a mesma não se restringia mais somente a região, alcançando

periodicidade variável de cinco, seis e 11 anos, sempre que a festa de Santiago, a 25 de Julho, cai em um domingo e é o Jubileu mais freqüente da Igreja Católica. Excepcionalmente foram considerados dois anos santos fora da tradição: em 1884, em louvor pela redescoberta do corpo do Apóstolo e em 1937, em plena Guerra Civil espanhola (1936-39). Outro atrativo do Ano Santo é a abertura da *Puerta Santa*, na parte traseira da Catedral na *Plaza de La Quintana*. Ainda mais importante é que os peregrinos em anos santos podiam receber a *bula jubilar* ou *jubileo*, um privilégio que data do século XII, inscrito na *Bula Regis Aeterni*. A graça do *jubileo* consiste, em essência, na indulgência plena dos pecados.

Do século XI ao XV

Entre os séculos XI e XV, o trânsito intenso de peregrinos transformou Compostela no mais importante centro político e econômico do noroeste da Espanha.

Em 1139, o Caminho foi brindado com o Livro Codex Calistinus^[14], parte integrante da obra *Liber Sancti Jacobi* e que ficou conhecido como o primeiro guia do Caminho, iniciando o processo de condução orientada dos peregrinos em sua peregrinação.

Em 1188, a Catedral de Santiago de Compostela ganhou um incremento de real formosura com a construção do seu famoso Pórtico da Gloria, obra inspiradíssima do Maestro Mateo^[15], que hoje é o acesso principal à catedral.

Contudo, as pestes (séc. XIV) e as guerras religiosas européias tornaram a caminhada muito perigosa e diminuíram a procura pelo Caminho. Com o fechamento no século XVI da rota francesa como via de peregrinação e comércio, em virtude da guerra entre os reinos de Castela e de França, o Caminho entrou em declínio.

[14] Escrito pelo clérigo francês Aymeric Picaud.

[15] escultor e arquiteto espanhol nascido em 1150 e falecido em 1200 ou 1217; as referências a ele são escassas.

Do Século XVI ao XIX

Em 1588 com a cidade sitiada pelo corsário inglês Francis Drake^[16] e sob o risco da invasão iminente, o Arcebispo San Clemente retirou da Catedral e escondeu a arca com os restos mortais de Santiago para evitar que fosse profanada pelo invasor. A arca permaneceu em lugar ignorado por mais de 300 anos, sendo reencontrada pelo Cardeal Palay no final do século XIX, 1878, quando o culto a Santiago foi retomado com a redescoberta das relíquias e com a pacificação da região.

O início do século XIX foi terrível para a Espanha, que sofreu a invasão francesa e teve sua capital tomada em 1808. Mas o Caminho, com a redescoberta dos restos de Santiago e com uma política de reconstruções e reurbanizações do território espanhol, retomava seu vigor.

O século XX apresentou novos períodos sombrios para o país, sofrendo com duas guerras mundiais e de permeio com a sangrenta Guerra Civil (1936-1939) em solo espanhol. O Caminho se ressentiu, mas não se abateu diante desse horizonte caótico.

Do Século XX em diante

O Caminho tomou novo fôlego a partir do século XX. A multiseular peregrinação a Compostela, pelo Caminho de Santiago, gerou desde o princípio uma prosperidade espiritual, cultural e econômica. Fomentou a literatura, a música, a arte e a história e, em conseqüência, apareceram cidades e vilas, além de inúmeras igrejas, catedrais e hospitais, com o objetivo de apoiar e confortar os peregrinos. O Caminho sempre funcionou como catalizador de

^[16] Sir Francis Drake (Tavistock, Devonshire, 1545 - Puerto Bello, Panamá, 26 de janeiro de 1596) foi um corsário, explorador e almirante inglês.

culturas, transmissor de idéias e promotor do encontro de povos e línguas, o que foi acentuado fortemente no século XX.

Sedenta de paz e de harmonia, a segunda metade do século XX assinalou o apogeu da abençoada rota de Compostela. Sobretudo a partir do início da década de 70, com os movimentos pacifistas que tomaram conta do mundo, capitaneados por jovens, a peregrinação ao encontro de Santiago intensificou-se pois certamente ela representava o ideário dos jovens que procuravam a paz interior.

No mundo inteiro, as pessoas têm voltado a procurar apoio existencial na religião, qualquer que seja, em seu sentido mais puro, do latim "religar". O objetivo geral de tal busca parece ser reunir o homem à sua essência espiritual, aos seus sentimentos mais profundos, ao seu Deus.

O Conselho Europeu outorgou ao Caminho de Santiago no ano de 1987, o título de Primeiro Itinerário Cultural Europeu, e mais tarde Patrimônio Cultural da Humanidade.

Símbolos

O caminho é cheio de símbolos que vão lembrando a espiritualidade, como as igrejas, as catedrais, e fazendo a ligação dos peregrinos através dos tempos.

O cajado que sempre acompanhou o peregrino, pois lhe servia de apoio nas subidas e descidas, nas trilhas mais difíceis, principalmente nas estações chuvosas, quando o caminho ficava escorregadio e um apoio adicional era muito bem vindo. Servia também para proteger os peregrinos dos assaltantes que infestavam aquelas paragens em tempos antigos, e para afastar cachorros, lobos e outros animais que os atacavam. Como era considerado o terceiro pé do peregrino, apoiando-o nas dificuldades, o cajado simbolizava a

fé na Santíssima Trindade, conforme mencionado no Sermão do Papa Calixto descrito no Codex Calixtinus. Hoje é muito utilizado pelos peregrinos modernos para dar maior conforto à caminhada, sobretudo nas subidas e descidas, quando as articulações do corpo são muito sobrecarregadas. Felizmente, não são mais necessários para afugentar os assaltantes, que já não existem na rota.

A vieira — levada de volta a seus lugares de origem pelos peregrinos que chegavam a Santiago — é um dos símbolos mais significativos. Servia de prova de haver estado em Santiago além de ser utilizada para beber água nas fontes do Caminho. Segundo o Codex Calixtinus, os peregrinos que voltavam do Santuário de Santiago traziam as conchas (vieiras) como os que voltavam de Jerusalem traziam as palmas. Estas significavam o triunfo, a concha significava as obras boas, mostrando que eles haviam vencido seus vícios. Ainda segundo o Codex, "...há uns mariscos que se chamam vieiras, que têm duas conchas, entre as quais se oculta um molusco parecido com uma ostra; ...estas conchas são desenhadas como os dedos das mãos... e ao regressar, os peregrinos do Santuário de Santiago as prendem nas capas... e as trazem às suas moradas com grande regozijo...; 20 significam os dois preceitos da caridade: amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo....."^[17]. Posteriormente, passou a indicar o peregrino, dando-lhe um salvo-conduto na caminhada e garantindo-lhe proteção e acolhida, o que ocorre até hoje.

A credencial que funciona como um passaporte do peregrino, por ele retirada no início da caminhada e que, em cada local por onde passa, recebe um selo (carimbo característico de cada localidade) das paróquias, albergues, refúgios ou de pessoas representativas dos pueblos na rota da peregrinação. O selo, junto com a data aposta pelo responsável do lugar, certifica a passagem do peregrino e é fundamental para a obtenção da Compostela — Certificado Oficial —

^[17] *Liber Sancti Jacobi "Codex Calixtinus", Livro I, Capítulo XVII, pp. 205-206.

um diploma em latim, concedido pelo Arcebispado de Santiago a todos aqueles que tenham percorrido pelo menos 100 km a pé ou a cavalo, ou 200 km de bicicleta, atestados na credencial, sempre e quando a peregrinação é feita por motivos religiosos.

Outro símbolo da extrema importância do Caminho são as setas amarelas, presentes sempre em troncos, pedras, árvores, ruas, meios-fios, postes, em todo lugar, enfim, onde o peregrino precise de orientação, dando-lhe a certeza que no Caminho de Santiago ele será sempre orientado.

Harmonia do Caminho de Santiago

O Caminho é um mosaico de encontros com outros peregrinos, com as pessoas de cada lugar; e cada um deles às vezes é mais do que as aparências indicam ou do que se pensa; pode representar um encontro com o próprio Deus que nos acompanha em nossa vivência diária, como no caminho de Emaús (Lc 24,13-35). O Caminho de Santiago promove essa harmonização do ser humano com seu potencial divino, perdido, muitas vezes, na mesquinha das ambições do mundo "moderno". Por isso, porque viver é preciso, caminhar é mais que necessário. É essencial.

E o Caminho é mais do que se pode imaginar.

E o Caminho é mais do que se pode querer.

O Caminho é muito do que se pode precisar.
